

jornal da
Metrópole
Salvador, 22 de abril de 2021

'SEM TIPO'

Pelo segundo ano consecutivo, festas juninas são suspensas e prejuízo impacta em cidades do interior. Págs. 4 a 6

Artigo

DO SAMBA JUNINO AO ARRAIÁ DA CAPITAL

Por **James Martins**
james.martins@metro1.com.br

Pois é, iniciamos mais um ciclo junino (que aqui começa logo após a semana santa) já sabendo que, pela segunda vez consecutiva, não teremos São João. Triste realidade. A matéria de capa desta edição do jornal trata do impacto (mormente econômico) de mais esse efeito da pandemia. Já aqui, quero abordar também o impacto propriamente cultural, e lembrar que, mesmo antes da chegada da peste, o nosso São João já vinha dando sinais de enfraquecimento e desvirtuamento. Sim, ninguém vai censurar se eu fizer a

vez (ou a voz) do saudosista de plantão e proclamar: “São João não é mais aquele”. Mas prefiro começar pelo lado bom. Desde o ano passado, a prefeitura de Salvador instituiu o 17 de abril como Dia Municipal do Samba Junino. A data é a mesma em que, em 1978, jovens do Engenho Velho de Brotas, os irmãos Bafafé, fundaram o Grupo União, entidade que, a partir do ano seguinte, organizaria o concurso dos sambões que maravilharam minha infância: Jaké, Scorpis, Prego Duro e outros. A data é mais uma ação no sentido de valorizar esse importantíssi-



mo movimento que, embora tenha muitos desdobramentos na música pop, no Axé Music, no pagodão, passou décadas como que esquecido e em vias de se acabar. Fato é que o ressurgimento do samba duro é em si o desmentido e o reforço daquilo que comecei a dizer lá no início. E é a partir dele que tentarei me explicar.

Claro que acho lamentável a situação dos músicos, das costureiras, dos fabricantes de licor e de todo mundo que tira seu sustento das festas juninas e que, mais uma vez, ficarão a ver navios. Como também me parece admirável que o

São João seja uma espécie de Carnaval dos forrozeiros, cuja maratona de shows garante, às vezes, o salário do ano inteiro. Porém, não consigo não lamentar (e aqui volta o samba duro junino a servir de paradigma) que uma festa essencialmente comunitária, vicinal, de casa em casa, tenha se tornado, seja na capital seja no interior, em mera promoção de festivais de música. E, o que é pior, nem sempre de música junina. Mas, nem vou discutir aqui a presença de Anitta ou Safadão nas festas das prefeituras, que não dá tempo. A base do problema, para mim,

é que o São João tenha justamente se reduzido à festa da prefeitura, do estado, das produtoras, e não mais dos vizinhos, dos amigos e parentes.

E o que é que o samba duro tem a ver com isso? Ora, tudo! Surgidos como manifestação dos bairros periféricos de Salvador, foram eles que, reunindo centenas de milhares de pessoas no percorrer das ruas e adentrar as casas, demonstraram que a festa do interior tinha apelo também na capital. E surge assim o famoso Arraiá da Capital. E assim o São João vai deixando de ser celebrado em cada rua para

centralizar-se em um ponto. Atualmente, no Pelourinho. Mesmo no interior, o que se procura é o Forró do Piu Piu, Forró do não sei o que. Etc. É o que eu temo em relação ao retorno, digamos, institucionalizado dos sambões. Que se perca a dose necessária de espontaneidade que qualquer manifestação artístico-cultural precisa. Por mim, sinceramente, trocaria qualquer atração em qualquer palco pelo São João que minha mãe fazia em casa, bolo-licor-amendoim, onde recebíamos os vizinhos a cujas casa iríamos em seguida. E você?

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész**

Editor de Arte **Paulo Braga**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **André Uzêda, Gabriel Amorim, Juliana Rodrigues, Kamille Martinho, Luciana Freire e Stephanie Suerdieck**

Revisão **André Uzêda e Ian Alves**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametro1.com.br

Metrópole
Grupo Metrôpole
Rua Conde Pereira Carneiro, 226
Pernambuco CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

SE FOR PARA ABANDONAR DEPOIS, É MELHOR TER UM DESSE.

QUEM ADOTA UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO É RESPONSÁVEL POR ELE. CUIDE BEM DO SEU.

Adotar um animal é um ato de amor. Mas é também uma grande responsabilidade. Cuide bem do seu pet: leve para passear, dê água e ração todos os dias, vacine regularmente, mantenha o espaço onde ele vive sempre limpo. Animais sentem fome, frio e solidão, como qualquer um de nós. Só não sabem pedir ajuda. Não abandone ou maltrate seu animal de estimação. Isso é crime.



PARA ADOPTAR, PROCURE ONGS E PROTETORES INDEPENDENTES.

**DENUNCIE
MAUS-TRATOS
PELO 190.**



BAHIA

SEM FESTA EM 10 CIDADES

Avanço da segunda onda puxa suspensão de festejos juninos no interior da Bahia. Outras prefeituras analisam quadro e podem acompanhar decisão

Festejos

Texto **Juliana Rodrigues**
juliana.rodrigues@metro1.com.br

Em uma de suas composições mais aclamadas, Luiz Gonzaga, o eterno 'Rei do Baião', canta que a "noite de São João é a noite mais brasileira".

O ano de 2021 não terá esta noite. A exemplo do ano passado, bandeirolas, fogueiras, licor, comidas típicas e forró estão suspensos. Com o avanço da segunda onda da pandemia, os festejos juninos já foram cancelados em pelo menos dez municípios do interior do estado - outros avaliam a possibilidade e, em breve, também podem confirmar a suspensão.

Por enquanto, as cidades que cravam a decisão são: Amargosa, Cachoeira, Camaçari, Euclides da Cunha, Ipiaú, Itaberaba, Jaguarari, Mata de São João, Santo Antônio de Jesus e Senhor do Bonfim.

As prefeituras avaliaram a disseminação de variantes mais contagiosas, o aumento das taxas de ocupação dos leitos de UTI e o ritmo lento da vacinação. A decisão tem um grande impacto na economia desses municípios e no setor cultural, causando prejuízos de difícil recuperação.



tacio moreira/metropress

PREJUÍZOS ATÉ NA AGRICULTURA FAMILIAR

Em Amargosa, o período do São João chega a ser mais importante para o comércio do que o Natal. “Amargosa trata o São João como cultura, identidade e tradição, mas acima de tudo como um produto da economia local. Isso possibilita a injeção de cerca de R\$ 20 milhões por ano na economia local devido à festa”, explica o prefeito.

O economista Antônio Carvalho lista outros segmentos da economia que são fortemente afetados. “As empresas de transporte operam com ca-

pacidade máxima, assim como a estrutura de hospedagem das cidades. Além disso, principalmente, perde-se o consumo das comidas e bebidas típicas, que têm origem na nossa agricultura familiar”, afirma.

Pequenos agricultores que plantam e vendem milho, amendoim e laranja já têm enfrentado dificuldade com a proibição das feiras livres. Para Carvalho, a suspensão da festa provoca um impacto “irrecuperável” para todos os setores diretamente envolvidos com a festa



agencia parana

VARIANTES FORAM DECISIVAS PARA PEDIR CANCELAMENTO

O prefeito de Amargosa, Júlio Pinheiro (PT), afirma que a decisão de cancelar a festa é “quase incontornável”. “Várias cidades já confirmaram a introdução da variante P.1, de Manaus, que é mais transmissível e agressiva. Nossa luta tem sido mais dura do que foi na primeira onda”, avalia.

Desde o início da pandemia, Amargosa registra mais de 2.200 casos de Covid-19 e 43 óbitos. Em um mês, foram 245 novos casos e cinco mortes. Na cidade, 14,5% da população recebeu a primeira dose da vacina.

Em Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo baiano, o impacto das variantes também influen-

ciou diretamente na escolha pelo cancelamento dos festejos. Atualmente, o município acumula mais de 9 mil casos de Covid-19, sendo que 811 foram registrados no último mês.

No total, houve 115 óbitos na cidade e cerca de 14% da população recebeu a primeira dose da vacina.

“Principalmente, perde-se o consumo das comidas e bebidas típicas, que têm origem na nossa agricultura familiar



**Antônio Carvalho,
economista**

20

MI

é o valor arrecadado por Amargosa durante o São João



divulgacao

BARES E HOTÉIS NO VERMELHO

Bares e restaurantes, hote-laria e confecção são alguns dos setores que mais lucram durante o período junino. É o que aponta um relatório produzido pelo Ob-servatório da Economia Criativa da Bahia (OBEC), elaborado em 2020, primeiro ano no qual as festas juninas foram canceladas por conta da pandemia.

A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Es-tado da Bahia (Fecomércio-BA) estimou uma queda de 32% no

faturamento de atividades liga-das direta ou indiretamente à festa de São João, no mês de ju-nho de 2020.

Ano passado, o governo do Estado anunciou o cancelamen-to dos festejos com o intuito de evitar aglomerações e direcionar a aplicação dos recursos públicos para o combate à doença. Ainda não há um posicionamento so-bre este ano, mas o governador Rui Costa já disse considerar “pouco provável” a realização.



carol garcia/govba



tacio moreira/metropress

ARTISTAS PERDEM PALCO E RECEITAS

Além da queda na arrecadação, a suspensão dos festejos também impacta o setor cultural, já que os eventos para grandes públicos seguem proibidos. As comemorações juninas nos municípios do interior costumam incluir festas privadas, além das realizadas pelas prefeituras, com públicos superiores a 100 mil pessoas.

O relatório do OBEC apon-

ta que no ano de 2020, a interrupção das atividades e o cancelamento de contratos foram os maiores impactos para as bandas e produtores culturais.

Ainda de acordo com o documento, 72,7% das bandas e grupos musicais que responderam à pesquisa tiveram perdas financeiras de até R\$ 100 mil devido ao cancelamento da festa.

LIVES JUNINAS GERAM POLÊMICA NO INTERIOR

Mesmo sem a realização da festa, algumas prefeituras planejam programações alternativas para manter vivo o clima junino. Em Santo Antônio de Jesus, a administração municipal vai promover iniciativas como uma decoração simbólica, ações itinerantes em diversos bairros da cidade e a realização de um concurso para escolher a melhor música de forró. “Com o cenário

de Covid, não temos como reali-zar o Melhor São João da Bahia presencial, mas vamos promover o clima junino em nossa cidade e resgatar a importância dos feste-jos para nosso povo”, disse o pre-feito Genival Deolino, em nota.

O município ainda planeja realizar uma live com artistas locais, em data a ser definida.

A prefeitura de Amargosa, por outro lado, não pretende seguir o

mesmo caminho. “Já há uma reco-mendação do Ministério Público e do Tribunal de Contas dos Muni-cípios para que os municípios não gastem recursos sem necessidade, a fim de prestar assistência à po-pulação. Não temos como con-tratar artistas para realizar lives. Por mais que isso mantenha viva a cultura, não vai representar um retorno para a economia”, diz o prefeito Pinheiro.

100 MIL

é o valor estimado de perda entre artistas



tacio moreira/metropress



**ENQUANTO A VACINA NÃO CHEGA AOS BRAÇOS DE TODOS,
CONTINUE ABRAÇANDO TODOS OS CUIDADOS!**

**SIGA OS PROTOCOLOS
DE PREVENÇÃO
À COVID-19**



**USE MÁSCARA
EVITE AGLOMERAÇÕES
HIGIENIZE SEMPRE AS MÃOS**

Nós somos Salvador! Em tempos difíceis, resistimos. Nascemos cidade-fortaleza. Sobre nós, sopra agora uma brisa morna e leve: a esperança. Ela vem chegando de mãos dadas com o amor, que também não larga mão da proteção. De braços dados com a fé, a força e o trabalho de cada soteropolitano. Trazendo nossa alegria, nosso ritmo, nosso sorriso, nossa vida de volta. Mas enquanto a vacinação não conseguir imunizar toda a população temos que continuar seguindo os protocolos de saúde e prevenção à Covid-19.

BAHIA

NINGUÉM DESCOBRE A PÓLVORA

Poderes públicos negligenciam fiscalização e tragédias com fogos de artifício têm sido recorrentes no estado

Fiscalização

Texto **Gabriel Amorim**
gabriel.amorim@radiometropole.com.br

Uma pequena cidade marcada por uma tragédia. No dia 14 de abril, uma explosão destruiu uma casa e soterrou três moradores na cidade de Crisópolis, a 232 km da capital, Salvador. No local, funcionava um pequeno armazém clandestino de fogos de artifício. O casal Ebervan Souza Reis, 49 anos, e sua esposa, Fernanda Santana, de 34, morreram no local. A filha deles, de 13, foi transferida em estado grave para Salvador.

A fabricação e manuseio ilegal de fogos de artifício na Bahia têm provocado recorrentes mortes nas últimas décadas. A situação abre espaço para uma dúvida: como acontece a fiscalização de materiais que podem representar risco à vida?

O controle sobre a produção de explosivos é de competência do exército brasileiro. Já a comercialização dos fogos está regulamentada por decreto estadual, desde 1997. Cabe ao Instituto de Criminalística do Departamento de Polícia Técnica do Estado da Bahia verificar o cumprimento das regras de segurança.

As prefeituras são responsáveis pela expedição dos alvarás que autorizam o funcionamento dos estabelecimentos. A casa que explodiu em Crisópolis não tinha nenhum dos documentos exigidos. Há dez anos, uma explosão já havia acontecido na mesma casa, mas não houve autuação dos órgãos responsáveis.

Em entrevista ao **Jornal da Metrópole**, o prefeito de Crisópolis, Leandro Dantas (PSB), disse que não tinha conhecimento do armazenamento de fogos no local. “Não sabemos há quanto tempo isso existia. Estamos apurando junto aos órgãos envolvidos”, disse.



FALTAM RONDAS REGULARES CONTRA CLANDESTINOS

Responsável pela fiscalização dos fogos de artifício na Bahia, o departamento de Polícia Técnica admite que não realiza rondas periódicas para apreensão deste tipo de material.

De acordo com estes profissionais, eles são responsáveis por vistorias nos estabelecimentos que desejam comercializar os fogos.

Para vender explosivos é preciso que o local obedeça regras como: ter equipamentos de segurança, prevenção e combate a incêndios, além de possuir saídas de emergência nas medidas previamente determinadas.

Em Crisópolis, as autoridades apontam que no local funcionava uma loja, apenas com um balcão na frente do imóvel.

Paulo Reis, de 84 anos, pai de Ebervan Souza, morto no acidente, era dono da casa onde ocorreu a explosão. Ele foi preso e autuado pela posse e fabricação de artefatos explosivos sem autorização.

No total, dez casas foram afetadas e precisaram ser demolidas, pois estavam com a estrutura comprometida depois da explosão.



BRASIL FOI CONDENADO NO EXTERIOR POR TRAGÉDIA NA BAHIA

O caso mais emblemático envolvendo explosões na Bahia aconteceu em Santo Antônio de Jesus, em dezembro de 1998.

Uma fábrica clandestina explodiu e matou 64 pessoas que trabalhavam no local. Seis ficaram gravemente feridas.

Na época, a cidade não tinha hospital para atender queimados e muitos foram transferidos às pressas para Salvador.

Ações judiciais foram impetradas contra a União, o estado da Bahia e o município de Santo Antônio de Jesus.

Somente em 2020, 22 anos depois, a Corte Interamericana de Direitos Humanos condenou o Brasil pelas violações cometidas contra as vítimas da explosão e seus familiares. Na fábrica, R\$ 0,50 eram pagos pela produção de mil traques de massa. A produção diária

chegava a seis mil unidades e o trabalho era feito sem equipamentos de proteção.

Em novembro do ano passado, mais um episódio. Uma fábrica de fogos de artifício explodiu em Simões Filho. No local, havia uma tonelada de material explosivo armazenado. Duas pessoas tiveram ferimentos leves e 16 casas vizinhas foram afetadas pelo impacto.

1998

foi o ano da explosão em Santo Antônio de Jesus



ESPECIAL

130 ANOS DE HISTÓRIA

Criada como alternativa à hegemonia paulista, Faculdade de Direito da Bahia foi cenário de intensos movimentos políticos e casa de brilhantes professores e estudantes

Educação

Texto **Luciana Freire**
luciana.santana@metro1.com.br

Lar de advogados, ministros da suprema corte, governadores, escritores e até cineastas, a Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia completou 130 anos de história. Nascida em 1891, no contexto das reformas educacionais promovidas após a proclamação da República, é a terceira mais antiga do país – atrás do Largo São Francisco, em São Paulo, e da Faculdade de Olinda e Recife, em Pernambuco.

“Nossa tarefa é ser, ao mesmo tempo, uma faculdade centenária e uma faculdade jovem”, diz o diretor da instituição, professor Julio Cesar de Sá da Rocha.

A criação da faculdade foi um projeto com extensa mobilização coletiva, no sentido de criar uma alternativa à hegemonia de São Paulo. Já em 1892, formava-se a primeira turma de bacharéis. Na época, com pagamento de um valor anual, no valor de trinta contos de réis.

Ao longo da história, a Faculdade de Direito se impôs de

modo ativo na defesa de direitos e foi cenário de dramáticos episódios em protestos políticos. Em 1897, os estudantes redigiram um manifesto contra as forças federais que invadiram e massacraram os moradores no Arraial de Canudos. Em 2001, a Polícia Militar invadiu as dependências da instituição para sufocar um protesto de estudantes contra Antônio Carlos Magalhães (1927-2007), no escândalo de violação do painel do Senado Federal.

Figuras ilustres como Eduardo Espínola, Orlando Gomes, Nelson Sampaio e Edvaldo Brito estão entre os nomes que construíram a base da faculdade e influenciaram os rumos jurídicos do país. Antônio Balbino (1912-1992), ex-governador da Bahia, e Josaphat Marinho, senador, também compuseram os quadros da escola.

Apenas em 1946, a escola de Direito foi fundida com a Faculdade de Medicina e com a Escola Politécnica, formando a Universidade da Bahia, embrião da atual universidade federal. Atualmente, a Faculdade de Direito tem cerca de 130 professores e mais de 2.500 alunos, entre graduação, mestrado e doutorado.



Alunos ilustres

Antônio Balbino (1912-1992)

fundo agencia nacional



Foi professor da Faculdade de Direito, deputado federal e ministro no governo de Getúlio Vargas. Foi governador da Bahia (1955 a 1959) e senador da República

Marília Muricy

reproducao



É a primeira mulher aprovada em um concurso de professor de direito da Ufba. Foi procuradora e integrou a Comissão de Ética Pública da Presidência da República

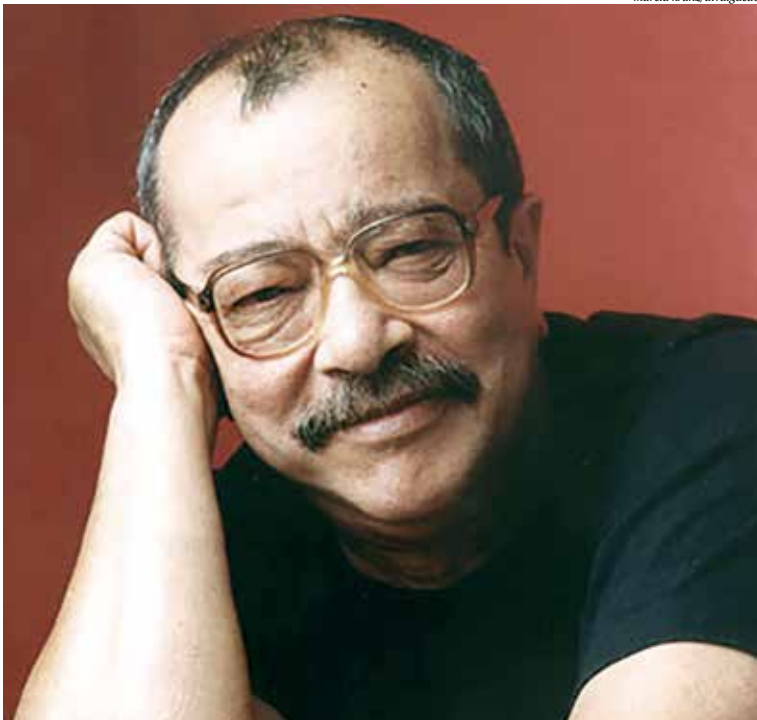
Luiz Viana Neto

reproducao



Foi estudante e professor da Faculdade de Direito. Deputado federal, senador e vice-governador da Bahia. Seu pai, Luiz Viana Filho, também se formou na escola

marcia kranz/divulgacao



ESCOLA AJUDOU A FORMAR ESCRITORES, CINEASTAS, ROQUEIROS E POETAS

Não só no campo jurídico, a Faculdade de Direito teve amplo destaque. Figuras de relevo em outras áreas também tiveram matrícula efetivada na escola. O escritor e também jornalista João Ubaldo Ribeiro, autor do clássico “Viva o Povo Brasileiro”, por exemplo, foi formado pela casa. Em sua época de estudante, publicou textos na

revista universitária Ângulos. Na mesma turma de Ubaldo, outro estudante também ganharia evidência bem longe dos códigos e processos. Glauber Rocha teve curta passagem na escola antes de seguir seus rumos até a criação da estética revolucionária do ‘Cinema Novo’. O eterno ‘Maluco Beleza’, Raul Seixas também foi egres-

so da faculdade, embora tenha abandonado o curso logo no começo. O poeta Waly Salomão, importante nome do Tropicalismo, formou-se pela casa, mas logo depois apostaria em uma nova graduação, na Escola de Belas Artes. O geógrafo Milton Santos foi outro aluno da escola, que optou por outros caminhos longe do mundo jurídico.

reproducao



2001

**Ano da
invasão da
escola, após
protesto de
estudantes**

QUE HORAS ELES VOLTAM?

Idosos e profissionais de saúde não têm retornado para a aplicação da segunda dose e secretaria calcula mais de 12 mil soteropolitanos com cartão de vacina em aberto

Vacina

Texto **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Dona Wilma Teixeira, 78 anos, acordou cedo para tomar a dose de reforço. Saiu do bairro da Graça, foi dirigindo o próprio carro, até a Avenida Paralela. Lá, não encontrou o fim da fila. “Na volta para casa, passei pela Ondina e o drive-thru estava vazio. Entrei no local, mas me disseram que não poderiam me atender. O espaço era destinado apenas à primeira dose. Achei um absurdo. Um idoso tem que se imunizar onde for mais confortável para ele”, reclamou, em ligação à Rádio Metrôpole.

Por falta de informação, desleixo ou esquecimento, mais de 12 mil soteropolitanos deixaram de tomar a segunda dose contra a Covid-19. Para estar efetivamente protegido contra o vírus, é imprescindível receber as duas aplicações. Entre os imunizantes disponíveis no Brasil, cada um tem um intervalo específico. Entre uma agulhada e outra da Coronavac, o prazo é de 14 a 28 dias. Para a AstraZeneca são até três meses (90 dias).

Segundo o secretário de Saúde do município, Léo Prates, há outros motivos que explicam as ausências nos postos de saúde. “Infelizmente verificamos que algumas pessoas vieram a óbito. Outras ficaram doentes e só

puderam se imunizar depois. E ainda teve gente que tomou a primeira dose em Salvador e a segunda no interior do estado”.

Telma Simões, de 75 anos, acrescenta um outro fator: a distância. “Para não me expor no transporte coletivo, gastei R\$ 100 de táxi. Graças a Deus, tenho condição financeira para isso, mas e quem não tem?”, questiona a aposentada.

Para atender a demanda, a secretaria municipal montou nove pontos de vacinação da segunda dose. Quatro no sistema drive thru (FTC Paralela, Faculdade Universo, Baradão e San Martin) e cinco fixos (que incluem Clube dos Oficiais e Unidades Básicas Ramiro de Azevedo e Colinas de Periperi).

Léo Prates afirma que, para contornar a situação dos esquecidos, a prefeitura tem mandado mensagens alertando sobre as datas, além de fazer uma busca ativa para identificar os ausentes e convencê-los a retornar aos postos.

Idosos reclamam da distância nos postos de segunda dose



EFICÁCIA SÓ É GARANTIDA APÓS SEGUNDA DOSE

Texto **Stephanie Suerdieck**
stephanie.suerdieck@radiometropole.com.br

“Não são doses aleatórias”. A fala da médica infectologista e especialista em vacinas, Jacy Andrade, chama atenção em um cenário no qual vem crescendo

o número de soteropolitanos que não voltam para tomar a segunda dose da vacina.

Os especialistas alertam sobre a importância de completar o ciclo, respeitando o intervalo recomendado. “Os estudos realizados levam em conta as duas doses e o es-

quema de vacinação é padronizado”, alerta.

“Quando a gente diz que a proteção da vacina é X por cento, isso significa que a pessoa que participou do estudo foi avaliada após essa segunda dose, se desenvolveu ou não formas graves”, completa.

IMUNIZADOS, MAS NÃO BLINDADOS

Mesmo após a aplicação das duas doses, a prevenção deve continuar. “Os estudos foram realizados do ponto de vista da avaliação de gravidade da doença. Tomar a vacina não significa que não desenvolverá a infecção”, alerta Jacy Andrade.

Não é incomum, portanto, o

paciente contrair o vírus mesmo depois de ser imunizado com as duas doses. A vacina, porém, evita que o quadro evolua de forma crítica.

Entre os principais cuidados estão o uso constante da máscara, o distanciamento social e a higiene correta das mãos.



RISCO DE NOVAS VARIANTES NO BRASIL

Com um ritmo de vacinação muito lento, a transmissão ganha força e, consequentemente, as mutações do vírus também. “Para conter a transmissibilidade é preciso uma vacinação universal, que chegue a uma maior parcela da população. Então, a gente espera que o Brasil ainda vá produzir novas variantes”, destaca a médica.

Até o momento, no Brasil há pelo menos três variantes reconhecidas circulando: a P1 (de Manaus), P2 (Rio de Janeiro) e N9 (em estados do Nor-

deste e Sudeste do país).

De acordo com a especialista, ainda é muito cedo para projetar mudanças no plano nacional de vacinação, como a aplicação de uma terceira dose da Coronavac ou a necessidade de um reforço anual das vacinas. “Alguns trabalhos têm mostrado, em estudos de efetividade, a eficácia das vacinas, porém, ainda não temos resposta suficiente para saber se elas vão garantir proteção para as novas variáveis que certamente vão surgir”, pontua Jacy Andrade.

Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA
para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS
srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438

SR
CURSOS

Curso
VIP

“Lulinha lá e Galego aqui, é uma dupla que tem o que mostrar”

JAQUES WAGNER

geraldo majela/agência Senado

■ Senador da Bahia

Pouco afeito a suspense, o senador baiano Jaques Wagner (PT) não fez ardeios ao ser perguntado se vai concorrer ao governo da Bahia, em 2022. “Se for pra manter esse conjunto que a gente montou, há 14 anos, meu nome tá colocado”.

Em entrevista a Mário Kertész, no Jornal da Bahia no Ar, o ex-ocupante do Palácio de Ondina (de 2006 a 2014) analisou até um possível cenário de disputa com ACM Neto (DEM), cotado para liderar a oposição no próximo pleito.

“Eu acho que toda eleição você tem que cuidar. Nunca achei que tivesse adversário

fraco ou forte. Se você bobear, pode perder. Como eles bobearam quando venci [em 2006]”, provocou.

LULA

Wagner também não guardou segredo quando questionado se Lula vai mesmo concorrer à presidência pelo PT, ano que vem. “Ele é candidato. Lula está em condições totais de concorrer, tanto fisicamente quanto juridicamente. Conversei com ele, e ele falou que quer fazer reunião com os se-

nadores da Bahia. Ele já tá começando a fazer todos os contatos. Ele volta com o mesmo espírito”.

O próprio Lula tem desconversado sobre o assunto, mas Wagner garante o apetite do cor-religionário e projeta uma dobradinha nas urnas: “Lulinha lá e Galego aqui, é uma dupla que tem o que mostrar”.

CIRO FORA

Para o senador baiano, entre as possíveis alianças para marchar em conjunto até o Palácio

do Planalto, o nome de Ciro Gomes (PDT) está completamente descartado.

“Ciro [Gomes] disse em uma entrevista que ‘PT nunca mais’. Não dá para formar aliança com alguém que tenha nosso partido como inimigo”, pontua.

A resposta do senador baiano rebate uma entrevista do ex-governador do Ceará ao Jornal O Globo, quando afirmou que “Lula mentiu para o povo dizendo que era candidato quando todos sabiam que não seria. Manipulou até 22 dias antes da eleição, deixando parte da população excitada”.

GUERRA

Wagner também não poupou críticas ao presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e às políticas públicas federais para minimizar os efeitos da pandemia. “O povo quer vacina, auxílio e emprego. Mas a gente tem um presidente da República que não tem equilíbrio emocional, sensatez para conduzir o processo. Quanto mais gente morre no Brasil, mais ele não se toca com nada. A cabeça do militar é pra guerra. Mas ele tá fazendo guerra contra o povo brasileiro”, disse.

“minha opção é disputar o governo da Bahia ano que vem”

ACM NETO



tacio moreira/metropress

■ Presidente nacional do Democratas

Se do lado do governo a candidatura está posta, do lado da oposição também não tem mistério. Também em entrevista a Mário Kertész, no Jornal da Bahia no Ar, ACM Neto (DEM) não negou suas pretensões políticas para o ano que vem.

“Só enxergo uma opção pra mim. Claro que, acima da nossa vontade, tem que ter a vontade de Deus e as condições para isso. Mas, existindo essas duas coisas, a minha opção é disputar o governo da Bahia ano que vem”.

O político baiano, atualmente presidente nacional do Democratas, falou de um possível confronto com o PT na disputa direta

pelo Palácio de Ondina. “Vai ser um confronto de duas ideias. Uma perspectiva do passado e outra de futuro. Eu quero conversar com o futuro da Bahia”.

Neto tenta repetir a trajetória do avô. Antônio Carlos Magalhães (1927-2007) foi prefeito de Salvador (1967 a 1970) e três vezes governador da Bahia, duas vezes indicado pela Ditadura Militar (1971 a 1975 e 1979 a 1983) e uma vez eleito, de 1991 a 1994..

MANDETTA

Na disputa nacional, ACM Neto enalteceu a figura do

ex-ministro da Saúde, seu correligionário, Luiz Henrique Mandetta. E criticou o que diz ser uma polarização entre Bolsonaro e Lula. “O país merece a oportunidade de avaliar um projeto que fuja dessa polarização.

Não vai existir só essas duas opções: Lula ou Bolsonaro. Para o Brasil seria bom se surgisse uma alternativa mais de centro.”

SATISFEITO

ACM Neto foi eleito prefeito de Salvador em 2012, reno-

vando o mandato para mais quatro anos em 2016. Com alto índice de aprovação conseguiu, em 2020, eleger seu sucessor ainda no primeiro turno, o atual prefeito Bruno Reis (DEM).

Questionado por Mário Kertész sobre como avalia o início de mandato do seu pupilo, elogiou.

“Estou extremamente seguro em relação à opção que fiz ano passado. Bruno assumiu num momento muito difícil. A pessoa acabou de sentar na cadeira, cheia de planos, mas tem que ter o foco, que é a pandemia. E ele tem esse foco”, pontua.

COMUNISTA

O demista também respondeu sobre a ligação da legenda que preside com Bolsonaro, uma vez que correligionários mantêm ministérios no governo do atual presidente. “Eu tenho tido opções bem críticas em relação ao governo federal, na condução da pandemia... Tem gente que me chama de comunista e esquerdista. Outros me chamam de direita. Isso mostra que minha política é uma linha de equilíbrio. Eu busco o diálogo”.

TRABALHO QUE CUIDA DA NOSSA GENTE.



4 MILHÕES A MAIS DE BAIANOS COM ÁGUA TRATADA E 2,5 MILHÕES A MAIS COM COLETA E TRATAMENTO DE ESGOTO.

Nos últimos 14 anos, o crescimento na infraestrutura de água tratada e coleta e tratamento de esgoto na Bahia foi um dos maiores do Brasil, porque cuidar de gente é prioridade. Foram mais de R\$ 9 bilhões em obras: implantação de adutoras, sistemas de esgotamento sanitário e ligações de água e esgoto.

Tudo isso para levar mais dignidade, saúde e qualidade de vida para milhões de baianos, preservando o meio ambiente e gerando oportunidades de emprego e renda com desenvolvimento sustentável.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

- **1,6 milhão** de novas ligações de água
- **47 novos** sistemas de abastecimento de água
- **3.810 km** de adutoras implantadas
- **23 mil km** de redes de água e esgoto para melhor atender **368 municípios**

COLETA E TRATAMENTO DE ESGOTO

- **930 mil** novas ligações de esgoto



embasa

SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA
HÍDRICA E SANEAMENTO



**GOVERNO
DO ESTADO**

